

## O “JORNALISTA SENTADO” E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE PRÁTICAS PROFISSIONAIS NA COMUNICAÇÃO EM REDE

Igor Waltz<sup>1 2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho examina transformações contemporâneas no “fazer jornalismo” a partir da crescente incorporação de tecnologias digitais na produção noticiosa e de transformações estruturais no setor de imprensa. Apesar de as autonarrativas historicamente construídas pelos jornalistas valorizarem a figura mítica do “repórter investigativo” à caça do furo de reportagem, a realidade do século XXI vem se traduzindo em um maior encerramento dos profissionais na redação, pressionados pelo aumento do volume de trabalho, pela concentração de diversas funções e pelo incremento no uso das TICs. A partir do conceito de “jornalista sentado”, advindo da corrente francesa da sociologia do jornalismo, o artigo reflete como a crescente sedentarização vem afetando a forma como repórteres e editores ajuízam suas rotinas e a importância social do seu trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Convergência multimídia, Rotinas produtivas, Práticas jornalísticas.*

**ABSTRACT:** This paper investigates contemporary transformations in journalism practices from the point of view of the growing incorporation of digital technology in news production and structural changes in the media sector. Although professional autonarratives historically constructed by journalists enhance the mythical figure of the “investigative reporter” hunting the scoop, the twenty-first century’s reality is characterized by a greater confinement of the professionals in the newsrooms, pressured by the increase of workload, the concentration of multiple functions and the increased use of ICTs. Based on the concept of “seated journalist”, arising from the French chain of journalism sociology, the paper reflects how the growing tendency to sedentarism is affecting the way how reporters and editors understand their routines and the social importance of their work.

**KEYWORDS:** *Multimedia convergence, Productive Routines, Journalistic Practices.*

<sup>1</sup> Uma versão preliminar do artigo foi apresentada no 6º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo (VI Ciberjor), realizado no *campus* da UFMS em Campo Grande (MS), entre os dias 1º e 3 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social (Jornalismo); Mestre em Comunicação e Cultura; Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: igorwaltz@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, o trabalho jornalístico vem sendo remodelado por uma série de reconfigurações. A popularização das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), especialmente alçada a partir dos anos 1980, conferiu um importante impulso à tecnointeração, com implicações nos campos econômicos, político e sociocultural. A comunicação, hegemonicamente massificada durante o século XX, progressivamente se reorganiza no ambiente propiciado pela internet, a “rede das redes”, a partir do estímulo à interatividade e à circulação acelerada de bens imateriais. Essa nova ecologia midiática traz implicações ao jornalista, não incomumente encarado até então como um dos detentores do “monopólio da fala”.

De acordo com Abreu (2002), ainda que a tecnologia não deva ser considerada o único agente contemporâneo de transformação da imprensa, ela é seguramente um de seus principais instrumentos. O desenvolvimento das telecomunicações, novas possibilidades de impressão e de registro audiovisual afetaram a coleta da informação, a produção da notícia e sua distribuição. Deuze (2004), por sua vez, argumenta que, do ponto de vista organizacional, a convergência midiática impacta de sobremaneira as funções, papéis e rituais até então sedimentados dentro das redações.

Incitado pela hipótese de que estariam em curso mudanças na cultura profissional jornalística, especialmente alçadas pela disseminação social das TICs, este artigo procura analisar como os processos de convergência influenciam nas rotinas produtivas e, conseqüentemente, na forma como os jornalistas refletem sobre seu trabalho. Parte-se do conceito de “jornalista sentado”<sup>3</sup> (NEVEU, 2006), ou seja, uma orientação profissional voltada mais ao tratamento e veiculação de conteúdos informativos produzidos por outros do que à inspeção própria de notícias e ao contato com as fontes (PEREIRA, 2004) para refletir como o jornalista ajuíza a qualidade e a importância social da produção noticiosa nos dias atuais.

O objetivo do trabalho é o de mapear construções simbólicas produzidas pelos profissionais de imprensa a respeito da influência do novo ambiente comunicacional na produção jornalística. Tão importante quanto desvendar a simbolização que os

---

<sup>3</sup> Os termos “Assis” (sentado) e “Debout” (em pé) aparecem em um glossário ao fim da Introdução de *Sociologie du Journalisme*, publicado pelo sociólogo francês Érik Neveu em 2001. Curiosamente, os verbetes foram excluídos da edição brasileira, de 2006, consultada inicialmente por esta pesquisa. O leitor pode conferir gratuitamente a Introdução do original pelo link <http://www.cairn.info/sociologie-du-journalisme--9782707158277-page-3.htm>.

jornalistas constroem do atual momento pelo qual passa a profissão, é entender as razões dessas construções discursivas num cenário de transformações. Para isso, optou-se por um processo qualitativo por meio entrevistas, pois como analisa Demo (2001), este procedimento metodológico é mais adequado quando se procura ponderar mais a intensidade do que a extensão de um determinado evento. Essa perspectiva nos possibilita a compreensão dos fenômenos de uma determinada cultura ou grupo a partir das perspectivas de seus próprios membros.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi selecionado para entrevistas um grupo de jornalistas de dois dos principais grupos de mídia com sede no Rio de Janeiro, a saber, Infoglobo Comunicação e Participações S.A. e Empresa Jornalística Econômico S.A (Ejesa). A seleção dos entrevistados para amostra obedece a critérios etários, divididos em dois grupos: jornalistas mais experientes, ocupantes de cargos mais elevados dentro da hierarquia das redações, e jovens profissionais ainda iniciantes na carreira. As entrevistas, preservadas por meio da gravação em áudio, com média de uma hora e meia cada, levaram em consideração aspectos como biografia, experiência, valores profissionais e relação com pares, com o público e com a tecnologia. Abaixo, seguem os perfis dos entrevistados selecionados para este artigo, cujas identidades foram preservadas para resguardá-los e evitar possíveis embaraços em seus ambientes de trabalho:

- a) A., 52 anos, mulher, editora do jornal *Brasil Econômico*.
- b) B., 57 anos, mulher, repórter do jornal *O Globo*.
- c) D., 54 anos, homem, editor do jornal *O Dia*.
- d) E., 51 anos, homem, editor do jornal *O Globo*.
- e) M., 25 anos, mulher, repórter do jornal *O Dia*.
- f) G., 30 anos, mulher, repórter do jornal *Brasil Econômico*.
- g) J., 27 anos, homem, repórter do jornal *O Globo*.

A amostra arrolada acima, por motivos óbvios, não é capaz de dar conta de toda a pluralidade constitutiva da comunidade profissional do Rio de Janeiro, menos ainda do Brasil. Contudo, o intuito aqui é perceber e identificar similitudes e diferenças nos discursos produzidos por profissionais inseridos na engrenagem produtiva de dois dos principais grupos de mídia fluminenses, que possam nos ajudar a detectar vestígios de transformações que vem ocorrendo no macrocenário.

A partir dos depoimentos dos entrevistados, procurou-se perceber como eles observam as implicações para a qualidade da notícia que produzem e para sua carreira.

Além do conceito de “jornalista sentado”, estabelece-se um diálogo com outros autores que refletem as esferas produtivas do jornalismo na contemporaneidade, a fim de entender um pouco mais sobre a perspectiva dos profissionais acerca das mudanças de caráter estrutural e conjuntural que vêm atingindo o setor de imprensa.

## **UM MUNDO EM DEVIR**

Ainda que se evite sucumbir às tentações do alarmismo e do discurso catastrofista, não se pode negar que o mercado de trabalho jornalístico, no contexto brasileiro e internacional, vem impondo uma série de desafios aos profissionais nas últimas décadas. O setor vem passando por uma reconfiguração no Brasil desde meados da década de 1980, com o início do processo de informatização das redações e a concentração empresarial do setor. A introdução das TICs comprimiu ou extinguiu etapas e funções do processo industrial da notícia, como o *copidesque*, o que eliminou postos de trabalho e alijou profissionais do mercado.

Abreu (2002) argumenta que a informatização da produção jornalística significou um salto em termos de rapidez na execução de tarefas, mas o rigor no horário de fechamento intensificou a pressão sobre o trabalho dos jornalistas. A redução dos quadros profissionais obriga o jornalista hoje a, além de preparar a notícia, diagramar, indicar fotos, gráficos e recursos que constarão na matéria. A nova configuração impõe jornadas extenuantes de trabalho, com significativas consequências à sua saúde física e mental e à naturalização do assédio (HELOANI, 2005). Além disso, é crescente a terceirização e a “pejotização”, contratações de trabalhadores por meio do regime de “pessoa jurídica”, sem direitos trabalhistas assegurados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), como férias remuneradas, 13º salário ou recolhimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Para McKercher (2002), as organizações de mídia minam o poder de negociação coletiva de sindicatos e associações de trabalhadores por meio de contratos individuais, ampliando seu poder sobre as relações de produção.

Essas transformações podem ser situadas num quadro bem mais amplo de reorganização da lógica de produção capitalista a partir da integração das TICs com os processos produtivos. Como argumenta Cocco *et. al.*, convergência multimídia é a base de articulação das novas ferramentas que permitem que o usuário/consumidor se torne

usuário/produtor, pondo “em cheque a tradicional separação entre o trabalhador e os meios de produção, entre o mundo do trabalho e o mundo da vida”. (COCCO *et al.*, 2003, p. 8).

Essa nova fase do capitalismo é denominada por alguns autores como sendo “pós-industrial”, “pós-fordista”, “informacional” ou “cognitiva”. Nesse mundo fragmentado e instável, sob o reinado de uma nova construção da individualidade pelo consumo constante de novas experiências, os sujeitos se veem impelidos a migrar de uma tarefa a outra, de emprego a outro, sem pensar a longo prazo e sem um sentimento constante de si. A antiga lógica da “fábrica”, do tempo aprisionado para a execução de tarefas e da massificação dos trabalhadores, é substituída pela da “empresa”, que estabelece a motivação por meio da rivalidade dos indivíduos e da flexibilização dos processos (DELEUZE, 1992; SENNETT, 2008).

Sob o advento das TICs e da internet, alçadas no Brasil especialmente a partir das décadas de 1980 e 1990, emerge a lógica pós-fordista da produção jornalística no país. De acordo com Fonseca & Kuhn (2009), diferente do regime fordista, o trabalho não se organiza mais pela divisão de tarefas: um mesmo jornalista acumula diversas funções, desde a pauta até a edição final. A exigência hoje, comentam os autores, recairia mais sobre o domínio das habilidades técnicas do que da fidedignidade da representação da realidade.

Salaverría & Negro (2008) destacam que a polivalência do profissional de jornalismo pode se manifestar tanto de forma funcional, isto é, pela execução de diversas tarefas como fotografia, apuração e edição; quanto midiática, quando a produção se destina a diversos veículos da mesma empresa. Fonseca & Kuhn (2009), por sua vez, comentam que esse “jornalista multimidiático”, obrigado a produzir conteúdos informativos para diferentes plataformas, funções antes desempenhadas por diversos profissionais, se vê compelido a reciclar constantemente seu conhecimento e habilidades frente a novas práticas de produção noticiosa sob o risco de tornar-se obsoleto.

Em função disso, Nonato (2013) argumenta que a figura do repórter, que majoritariamente ao longo do século XX foi incorporada pelo cidadão curioso, sem formação específica e com visão romântica de seu trabalho, hoje cedeu lugar ao jovem recém-formado, oriundo das camadas médias da sociedade. Fígaro (2013), por sua vez, destaca que esses profissionais mais jovens, reprimidos maiores cargas de trabalho e precárias relações trabalhistas, possuem um perfil profissional destacado de valores

coletivos, não planejam a vida fora do curto prazo e consideram a informação meramente como um produto.

Deuze (2004; 2008) defende que processos de convergência trazem grande impacto sobre a práxis, a cultura profissional e a autopercepção dos jornalistas. O estudioso neerlandês comenta que, por um lado, jornalistas que convivem em um ambiente no qual lhes é imposta a obrigação de produzir para mais de um meio estão sujeitos a mais estresse e nenhum sentimento de realização profissional por ver sua produção em vários formatos. Por outro, profissionais envolvidos ativamente no processo de convergência tendem a ver a integração como benéfica, ainda que onerosa.

Contudo, antes de abordarmos a visão dos profissionais de comunicação entrevistados por esta pesquisa, cabe-nos abordar o estágio de desenvolvimento digital de cada uma das empresas analisadas. Iniciado seu processo de informatização da redação em julho de 1985, *O Globo* criou seu portal de notícias *on-line* doze anos mais tarde, em um prédio separado da redação do jornal de papel. Com o baixo retorno financeiro da versão digital, o jornal foi um dos pioneiros no Brasil a dar início à integração das redações, em um processo iniciado em 2008, levado a cabo em diversas etapas. Em outubro daquele ano, a empresa instituiu um realinhamento das suas marcas, com a fusão dos produtos impresso e digital sob o guarda-chuva da mesma rubrica — *O Globo* —, escudada pelo slogan “*On-line. On time. Full Time*” (“*on-line*, em tempo real, o tempo todo”, em tradução livre).

Entre 2009 e 2010, as editorias dos dois veículos também passaram a coexistir no mesmo espaço físico. Como explica Moretzsohn (2014), a integração significou uma mudança radical na divisão de trabalho, pois os mesmos profissionais passaram a produzir simultaneamente para os dois veículos. O editor de cada área passou a ser responsável pelas duas plataformas e o antigo editor do *on-line* se tornou subeditor. A partir do relato dos profissionais ouvidos por este estudo entende-se, contudo, que a integração se deu em ritmos de adaptação diferentes em cada editoria.

Isso ocorre porque o senso comum nos leva a crer que pelo fato de as duas versões envolverem o texto escrito, a justaposição da produção do impresso e a do digital seria um caminho mais fácil, mais óbvio. Contudo, as duas envolvem rotinas e lógicas muito diferentes, em alguns momentos até contraditórias. Enquanto o fechamento em um jornal de papel geralmente fica a cargo de jornalistas mais experientes, responsáveis por aquela atividade, no *on-line*, pelo que foi observado em nossa visita, o fechamento fica a cargo de quem mais estiver disponível ou menos

absorvido nas matérias que estiver produzindo, “quem tiver braço”, nas palavras de um dos entrevistados. Não raramente, esse profissional é o “foca”<sup>4</sup>.

De acordo com o relato de repórteres, a integração das redações se deu de forma mais fluida em editoriais menores, como “Megazine” e “Tecnologia” (ambas mais tarde aglutinadas pela nova editoria “Sociedade”, criada em maio de 2014), e na editoria “Mundo”, mais habituada a gerir o grande volume de conteúdo produzido pelas agências de notícia. Em setores considerados como “cabeça”, entre os quais “País”, “Economia” e “Rio”, impera ainda hoje uma separação informal entre profissionais com mais tempo de redação, mais dedicados à produção do impresso, e jornalistas majoritariamente na faixa etária até 30 anos atuando em escala para cobrir o dia a dia acelerado do digital. Isso se refletia também nos salários. Mesmo com a unificação das redações tendo se iniciado em 2009, a equiparação das remunerações dos jornalistas do impresso e do digital com o mesmo tempo de carreira só veio a ocorrer quase dois anos mais tarde.

Em 2012, com o intuito de investir mais nas plataformas multimídias, o jornal unificou o setor de fotografia e audiovisual. Com câmeras digitais mais modernas, fotógrafos passaram a receber treinamento em produção de vídeos, e o número de contratados para atuar nas ilhas de edição aumentou. Antes, com um número pequeno de câmeras de vídeo disponíveis para toda a equipe do jornal, os repórteres eram obrigados a produzir com os próprios celulares, o que gerava uma produção de alegada baixa qualidade. Após a reestruturação da parte audiovisual, o uso de *smartphones* ficou relegada a momentos de flagrantes das equipes de reportagem.

Já em 2014, uma nova reestruturação, além de criar a editoria “Sociedade”, estabeleceu um novo esquema de horários. Em março daquele ano, mais de cinco anos após a unificação das redações, as rotinas produtivas do digital e do impresso ainda eram marcadamente distintas. Enquanto os jornalistas do papel e as chefias de cada editoria chegavam por volta do meio-dia, com fechamento no início da noite, os jornalistas do digital atuavam desde a manhã, em ritmo de fechamento constante, por meio de escala. Após as mudanças, os editores passaram a trabalhar das 7h até por volta das 15h, para acompanhar todo o processo de produção das duas versões de *O Globo*. O

---

<sup>4</sup> “Foca” é um jargão muito empregado no meio para designar o jornalista novato — recém-formado ou estagiário —, ainda pouco experiente no mundo da redação. Se recorrermos à terminologia bourdieusiana, seriam os agentes que estão dando os primeiros passos para a “absorção” do *habitus* inerente ao campo jornalístico.

fechamento do impresso passou a ficar a cargo do editor-adjunto. Tal atitude foi motivada por uma tentativa de valorização interna da produção do *on-line*.

Em consonância ao que explica Deuze (2004; 2008), percebemos que a convergência dentro do jornal *O Globo* se deu paulatinamente, mas não sem choques entre diferentes culturas profissionais, diferentes formas de pensar a produção. Para o autor, os grandes obstáculos à integração são de ordem cultural, fruto não apenas de processos estressantes e mal orientados, mas também de separações históricas de identidades e culturas de trabalho. Contudo, tais procedimentos ocorrem com significativas diferenças de um veículo a outro, mesmo os de propriedade da mesma empresa.

Tensões observadas em *O Globo* não reverberaram com a mesma intensidade no jornal *Extra*, lançado em 1998 já com redações do impresso e do *on-line* integradas. Diferentemente do carro-chefe da Infoglobo, profissionais do *Extra* relataram, durante a visita de campo, menos pressão por parte dos diretores da organização, e mais liberdade para tomar iniciativas, como, por exemplo, a criação em 2014 de um canal de comunicação direta com o público via serviço de mensagens *Whatsapp*. Na visão dos profissionais entrevistados, uma ação como essa demoraria mais tempo para ser implementada no jornal *O Globo*, uma vez que não viria sem reuniões para o planejamento de marca, *benchmarking*<sup>5</sup>, consulta de acionistas etc. Ou seja, um processo de sinergia que se apresenta de forma complexa não apenas internamente à redação dos produtos impresso e digital, mas em relação a outros departamentos da empresa, como o setor de marketing.

Na Ejesa, por sua vez, ainda que as redações de cada veículo ocupem o mesmo andar, há uma separação entre os profissionais e as editorias do impresso e do digital. *O Dia* entrou na era da informatização em 1993, junto com um processo de reposicionamento da sua marca, buscando atingir a classe C. O *site*, criado no fim dos anos 1990, hoje se estrutura em uma pequena equipe em grande parte responsável mais por transpor a produção do impresso para o *on-line* do que produzir especialmente para o veículo digital. Em outubro de 2010, a partir da compra de parte do capital da Editora *O Dia*, a Ejesa passou a ser responsável também pela produção do jornal *O Dia*.

---

<sup>5</sup> O processo de *benchmarking* consiste na busca de melhores práticas em um determinado setor econômico, com vistas a melhorar a qualidade final dos produtos ou aumentar a eficácia e a eficiência dos processos produtivos.

A empresa havia surgido no ano anterior, com a criação do jornal *Brasil Econômico*. A publicação já nasceu com um *site*, com conteúdo produzido por uma equipe específica. Em maio de 2013, com a transferência da redação de São Paulo para o Rio de Janeiro, houve uma ameaça de greve entre os profissionais paulistanos, que temiam a extinção de seus postos de trabalho. Após negociações com o sindicato, parte dos empregos na capital paulista foi mantida. A produção do *BE* e de *O Dia* foi concentrada no mesmo edifício no Rio, onde também foi alocada parte das equipes do tabloide popular *Meia Hora*, do portal de notícias *on-line Último Segundo* e da rádio FM O Dia.

O relato de alguns jornalistas aponta que ainda que não lhes seja imposta uma atuação multifuncional por parte das chefias dos veículos da Ejesa, eles reconhecem a importância de saber fotografar e filmar, uma vez que a equipe de fotógrafos é limitada e nem sempre há profissionais que possam acompanhá-los quando saem às ruas. Aliás, a saída da redação no processo de apuração das matérias tem sido cada vez mais problemática para os profissionais das duas empresas, como abordaremos com profundidade maior no tópico a seguir.

## **O “JORNALISTA SENTADO”**

No lugar de pensarmos a saída às ruas para apuração de notícias como inerente ao jornalismo, é importante percebermos sua historicidade dentro do desenvolvimento das práticas e valores deontológicos constitutivos da comunidade profissional. Em *De relationibus novellis*, considerada a primeira tese científica a respeito da imprensa, publicada em 1690, na Universidade de Leipzig, atual Alemanha, Tobias Peucer já discutia a questão da autoria e da credibilidade dos fatos narrados pelos primeiros periódicos informativos. O estudioso considerava como mais digna de confiabilidade a inspeção própria (autópsia) do que o relato de terceiros sobre acontecimentos públicos dignos de registro.

Contudo, Neveu (2006) alega que é no contexto da imprensa norte-americana da primeira metade do século XIX que o *news-gathering* — a coleta de notícia — instituiu-se como uma prática distintiva do grupo profissional dos jornalistas. O surgimento dos chamados *penny press*, jornais tabloides produzidos em massa e vendidos por baixos valores, teria estimulado a consagração de um jornalismo orientado à coleta de dados,

no lugar de uma imprensa voltada a divagações político-literárias. O sociólogo francês argumenta que essa orientação definiu o modelo de profissionalismo a partir de então: “ser jornalista” pressupõe relatar o campo, apurar a informação, dominar a arte da entrevista. Ao longo dos séculos XIX e XX, tal ideia do trabalho do jornalista se espalharia pelas comunidades profissionais do mundo com maior ou menor grau de adesão.

A realidade da primeira década e meia do século XXI, porém, é outra. Kischinhevsky (2009) alega que em nome do aumento da produtividade, os jornalistas são cada vez mais submetidos a rotinas de trabalho que põem em xeque seu papel de mediador, sobrecarregando-os de tarefas que comprometem a qualidade informativa do noticiário entregue ao público. A respeito desse profissional, espremido pela produção concomitante de diversas pautas jornalísticas, Neveu (2006) lança mão do conceito “jornalismo sentado” (*journalisme assis*) para designar uma prática jornalística voltada ao tratamento de informações de caráter noticioso que não foram coletadas pelo profissional, em oposição a um jornalismo “em pé” (*journalisme debout*), dedicado ao contato direto com as fontes, por meio de reportagens e entrevistas.

Em sua análise sobre a ideia resgatada por Neveu, Pereira (2004) argumenta que a internet não é introdutora da prática de um jornalismo recluso dentro da redação, mas a estrutura da rede radicalizou o uso de informações produzidas por fontes externas aos veículos. O autor alega que essa foi uma das maneiras que as empresas jornalísticas encontraram para a alimentação de um fluxo contínuo de suas páginas na *web* com um quadro profissional reduzido.

Apesar de as autonarrativas historicamente construídas pelos profissionais de jornalismo valorizarem a figura mítica do repórter investigativo, que se movimenta pelo cenário urbano e pelos bastidores do poder à caça do furo de reportagem, a dificuldade de sair da redação foi um dos pontos críticos mais apontados pelos jornalistas entrevistados por esta pesquisa, especialmente entre os mais jovens, geralmente mais ávidos por ir à rua. Durante a entrevista, M., uma repórter do jornal *O Dia* de 25 anos, graduada em 2012, defende que o ato de “flanar” pela rua pode lhe ajudar a pensar em pautas mais relevantes.

*Eu sinto bastante falta de ir à rua. Sempre que posso, procuro fugir um pouco. Uma pauta sobre tendências do Natal na Saara [região do comércio popular do Rio de Janeiro], por exemplo, é algo que eu não conseguiria se não fosse para a rua. Meu editor defende que o*

*jornalismo precisa voltar às origens. O jornalista precisa flunar pela cidade em busca de pautas, e não ficar só dentro da redação, dependente da internet. Só assim o jornalismo vai se diferenciar dos sites da internet. Uma vez meu editor veio andando na rua e percebeu várias placas nas portas das lojas procurando funcionário. Isso rendeu uma capa: “O comércio está contratando”. É uma pauta boa que foge do que todo mundo está dando. Além disso, na rua você também faz “networking”. Às vezes, você fala com um assessor durante anos e nunca o viu pessoalmente.*

Se a produção por meio da internet, do telefone e de quaisquer outras tecnologias de comunicação economiza tempo e dinheiro das empresas, a repórter considera, talvez inspirada pela figura do seu editor, que a informação coletada a partir das ruas a coloca em vantagem frente a outros veículos (“foge do que todo mundo está dando”). A observação da jornalista coaduna-se a crítica de Bastos (2011) de que os jornalistas estariam passando por um processo de “alienação” dentro das redações, pelo afastamento das práticas e dos papéis desempenhados tradicionalmente.

Para o autor português, a sedentarização do jornalista ocorre desde a incorporação das primeiras tecnologias da comunicação dentro das redações, mas se exacerba de sobremaneira no ciberjornalismo. Ele encara como uma deturpação do “fazer jornalismo” o fato de repórteres passarem parte de seu tempo laboral editando conteúdo produzido por outros profissionais — reescrevendo releases, cortando fotos etc. Em coro, Salaverría (2005) acolhe o fato de que os jornalistas que produzem material para a internet estão entre os que menos têm contato direto com o “mundo exterior”, convertendo-se em profissionais análogos aos antigos redatores, apenas processando informações que outros haviam gerado.

Bastos (2011) reforça que a probabilidade do furo de reportagem é reduzida nas redações multimídias, uma vez que as rotinas apressadas relegam a segundo plano o cultivo de fontes, algo que exige tempo, disponibilidade e contatos pessoais regulares. Além de M., profissionais mais experientes ouvidos por esta pesquisa corroboram com a ideia de que é essencial ao/à jornalista dedicar parte de seu tempo para “networking”, para constituição de uma rede social à qual ele/ela recorra em busca de informações exclusivas. Esse capital social acumulado pelo jornalista se converteria em um capital simbólico frente a empresa e outros agentes do campo profissional.

A jornalista B., que atua há mais de 35 anos como repórter no setor de Economia do jornal *O Globo*, também sublinha a crucialidade da rede de fontes: *se depender de releases e notas oficiais, você como jornalista está morto*, argumenta a setorista. Ela,

contudo, lamenta que hoje os jornalistas sejam cada vez mais dependentes das informações oficiais que lhe chegam por meio da caixa de entrada do seu e-mail.

*Hoje em dia você está com pouco acesso às pessoas [fontes], elas se fecham mais, e só via oficial, nota oficial, via e-mail. Uma coisa que eu odeio: [quando o assessor diz] mande sua pergunta por e-mail. Responde só por e-mail. Tempos atrás, eles até conseguiam um executivo para falar contigo. Agora é tudo via e-mail, é tudo pergunta-resposta. Muito ruim. Perde a interação, porque é complicado. Só conseguindo uma fonte, **que você não consegue da noite para o dia**. Ainda mais com as empresas fechadas assim. (Grifo nosso).*

Rapidamente, a jornalista levanta um ponto já abordado aqui: o caráter paulatino da conformação de uma rede de fontes, contatos baseados em intercâmbio e confiança mútua. Trata-se de um processo de socialização com assessores de imprensa, executivos, gestores públicos e outros agentes considerados de interesse para a produção da notícia, algo que demanda tempo e dedicação. Em sua observação, B. considera que tal prática vem sendo relegada a segundo plano pela aceleração dos ritmos da produção, especialmente entre as gerações mais novas.

*Hoje trabalhamos mais sobrecarregados: antigamente eu era jornalista do jornal papel, hoje eu tenho obrigação de estar alimentando o site a todo instante, a fazer matéria para o jornal, de fim de semana. Muito sobrecarregado. [...] O problema é que os jornais querem fazer mais mantendo a mesma equipe.*

[...]

*Acho que [as novas gerações] têm que ter mais cuidado, talvez como estão mais acostumados a apurar muita coisa pelo Google, eles deixam a essência do jornalismo, que é apurar a verdade. É o que eu te falo, é correndo atrás da notícia, procurando falar com os envolvidos, a verdadeira versão dos fatos. Uma coisa é tentar ouvir a Petrobras, o fornecedor que está sendo acusado, a empresa, tem que apurar tudo. Para as gerações atuais, acho que é muito fácil recorrer à internet, ver o que aconteceu ali e só copiar.*

*E isso é ruim, né? Como eu não sou dessa geração, muitas vezes eu até esqueço de ir ao Google. Começo apurar daqui, dali, os fatos. O Google ajuda sim, ajuda muito, mais você não pode se basear naquilo que encontra na internet. Até porque muita coisa que a pessoa escreve errado e é publicado errado mesmo. Não pode. Eu acho que talvez — não posso acusar diretamente, pois estaria sendo injusta —, mas talvez essa galera nova que esteja se formando fique um pouco embaçada por causa dessa facilidade e não apure a essência das coisas e não apure com a profundidade que certos assuntos merecem mesmo.*

Um dos editores do jornal *O Dia*, D. salienta que o volume da produção noticiosa e as facilidades de recurso da internet podem constituir um perigo para a qualidade da notícia e para a carreira dos jornalistas menos experientes.

*[Um ponto negativo das novas gerações] é que o texto piorou. A criatividade deu uma quedinha também. Acho que isso se deve à facilidade, né? Facilidade de obtenção de informação, porque a reprodução automática da informação é uma coisa que o jornalista jovem precisa tomar cuidado. Porque é fácil. Você tem a ilusão de que pode produzir muitas notícias, mas na verdade você está apenas reproduzindo. Você não tem o tempo, e a preocupação, e o cuidado de contestar aquilo. Acho que o nível de contestação diminuiu, e o nível de desconfiança do jornalista diminuiu em relação à fonte da notícia. E isso é muito ruim, isso pode destruir a carreira de um jornalista.*

Tais visões, contudo, não são unânimes entre os indivíduos da amostra analisada. Ao permitir um maior contato com os usuários da internet, cada vez mais desejosos por serem ouvidos e de intercederem no processo de [re]produção da notícia, E., editor e colunista do jornal *O Globo*, argumenta que a internet teria “devolvido os jornalistas ao mundo real”.

*A gente estava muito distante do mundo real até a internet se disseminar. A gente não fala com mais ninguém diretamente, a gente fala com a assessoria de imprensa de todo mundo. [...] O assessor de imprensa está lá para nos atrapalhar. É uma fonte que paga um profissional, para que este profissional não a deixe tropeçar, avalie como ele deve dizer ou não coisas do interesse dele, não do meu, que em 99% dos casos são interesses conflitantes. Eu quero que o cara erre [...] Então a gente fica muito a reboque do assessor de imprensa. E isso implica muito na rotina comum do jornalista. Eu saía de casa, ligava o meu carro na CBN, onde ouvia informações vindas de assessoria de imprensa. Vinha até aqui, onde a assessoria de imprensa informava, voltava para casa. Eu não saía desse mundo. Era um túnel, uma cápsula. Ai agora o leitor manda notícias direto para mim, através desses mil canais aí. E-mail, comentário de blog, qualquer coisa assim. Voltamos a ter contato com a vida real, sem filtro, não mediada. Isso mudou tudo! Tudo é diferente, tem mil notícias que a gente divulgou que foi baseada nos leitores, ideias que eles passaram.*

Esse “sentimento de abertura ao mundo real” nítido no discurso produzido pelo editor o coloca em posição bem diferente da maioria dos jornalistas entrevistados, especialmente dos iniciantes, ocupantes de cargos menores na cadeia da redação e mais atingidos pelo aumento do volume e aceleração dos ritmos de trabalho. Mais impactado por essas condições de produção, o chão de fábrica também problematiza a qualidade da

notícia que se produz. Sobre a participação maior do público, a repórter do jornal *Brasil Econômico G.*, de 30 anos, problematiza:

*Mas qual é o perfil novo do jornal? A participação maior dos leitores. O Globo e o G1, acho que são os principais. A Rádio Band, por exemplo, com o pessoal mandando informações do trânsito pelo Whatsapp, mas isso tem o problema, que é esbarrar na confiabilidade do jornal, porque muitas vezes, **por falta de estrutura**, [o jornalista] **deixa de checar essas informações. E aí publica como verdade.** Mas a participação do público é um caminho sem volta. (Grifo nosso).*

Para além da qualidade da notícia, o encerramento do jornalista dentro da redação e as dificuldades de formatação de uma rede de contatos podem trazer desafios à sua carreira profissional, especialmente àquele que está ensaiando os primeiros passos na profissão. Apesar de a produção *on-line* atrair um perfil mais jovem, as possibilidades de crescimento são consideradas por alguns entrevistados como mais limitadas. No jornal *O Globo*, por exemplo, mesmo com a redação integrada, os repórteres mais novos ficam mais a cargo da versão digital e raramente vão às ruas, produzindo a maior parte da sua apuração por telefone ou e-mail. O repórter J., acredita que isso é problemático para os iniciantes na carreira.

*O que o jornal valoriza para o seu crescimento? Furo de reportagem. E como conseguir um furo? Com as fontes. E como conseguir fontes? Na rua. Pelo telefone é muito mais difícil. O que acontece? O repórter do on-line já entra em uma vaga com salário mais baixo, e muitas vezes ele está fadado a não crescer. Porque ele não vai conseguir produzir grandes matérias. Ele não vai assinar a manchete de domingo, e ainda é isso que faz a diferença. Ele vai ser o “carregador de piano”, o “pedreiro”, o “operário”. Vai fazer a coisa funcionar, mas ele não vai brilhar. Se você não brilhar, você não chama a atenção, não ganha aumento, não sobe na carreira. Inclusive para fora, para ser chamado a trabalhar em outros veículos. Isso é um aspecto muito perverso do on-line.*

Editorias como “Rio” e “Economia”, onde a demanda por atualização constante na edição *on-line* é maior, há mais dificuldade para a saída da redação, uma vez que, nas palavras de um dos profissionais ouvidos, “o cobertor é curto”. Se um jornalista desfalca a equipe, os outros ficam mais sobrecarregados.

Além disso, matérias veiculadas no “jornal de papel” ainda confeririam mais visibilidade aos autores, pelo menos entre os pares da redação. Um repórter relatou ao entrevistador que para conseguir produzir uma pauta mais elaborada, precisa tomar um

celular emprestado da empresa e apurar fora do horário de trabalho, em casa. Tal situação se intensifica ou abranda de acordo com cada editoria em *O Globo*. Em “Sociedade”, uma seção criada mais recentemente pelo jornal, onde são reunidas matérias variadas de saúde, educação, ciência e tecnologia, foi relatado um equilíbrio maior entre a produção dos jornalistas para o impresso e o digital.

J., atualmente com 27 anos, conta que para os mais jovens, mais soterrados pelo volume da produção diária, é mais difícil transpor a barreira para ascender hierarquicamente na empresa. Contudo, o repórter enxerga uma “luz no fim do túnel”. Para ele, o processo de integração das redações começa a paulatinamente apagar a linha que divide a grande massa de jornalistas, aproximando os que “carregam o piano” da produção factual para a *web* dos repórteres mais experientes, “*soltos para brilhar*” (segundo suas palavras), com mais capital social dentro da redação para negociar com as chefias tempo para produzir pautas de maior relevo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dar prioridade à voz dos jornalistas significa observar os fenômenos que atingem a imprensa a partir da perspectiva dos agentes que sofrem na pele as transformações que vêm incorrendo. A divisão entre dois grupos etários: um mais experiente, que assistiu ao processo de informatização das redações, e outro mais jovem, habituado desde os primeiros anos de vida a aparatos comunicacionais digitais, mostrou-se salutar, ainda que não se queria ignorar outras tensões existentes dentro do microcosmo da redação, tais como políticas, raciais, de gênero etc. A adoção de tal perspectiva nos permitiu identificar lados diferentes da questão, complementares mais do que divergentes.

Entre os novatos, mais penalizados pela alegada sobrecarga do dia a dia profissional, percebe-se uma similaridade nos argumentos de que a saída do ambiente da redação, o contato com pessoas e a possibilidade de refletir com calma antes de produzir a matéria são capazes de gerar notícias mais exatas e diferenciadas. Se o “jornalista sentado” atua principalmente como um *gatekeeper*, dando forma a conteúdos produzidos por outros, a repórter G., por exemplo, argumenta sem a possibilidade de checagem, muitos conteúdos podem ser incorretamente veiculados como “verdadeiros”. Tal ideal nem sempre é possível na realidade agitada dos bastidores de um jornal.

É nesse ponto de sua fala que a jornalista se aproxima com os jornalistas veteranos, que demonstraram grande preocupação em relação às novas gerações, mais “embaçadas” — termo usado por D. —, pelas facilidades do uso da internet, sem desenvolver propriamente um senso crítico aquilo que é acessado na rede. A necessidade de gerar de um grande volume de conteúdo levaria a reprodução a eclipsar a produção. A única fala dissonante da amostra é o editor de *O Globo E.*, que deposita na aproximação do público um caminho para o aumento da eficiência.

Contudo, é na fala de J. que ficam mais patentes os choques culturais e geracionais que vem incorrendo no microuniverso das redações. A valorização do furo de reportagem como passaporte de maior prestígio, de “circulação” do nome do profissional na empresa e nas concorrentes, de promoções e ascensão dentro da hierarquia profissional, contrasta com as limitações técnicas das condições de produção. A atual configuração do processo produtivo tende a soterrar os profissionais mais jovens, dificultando sua formatação de rede de fontes — *networking* —, algo valorizado dentro da comunidade profissional.

Para além da carreira, muitos autores enxergam o empobrecimento do papel de mediador do jornalista, na medida em que se converteria em um mero redator, cada vez mais despojado de um senso crítico em nome da maximização de seus domínios técnicos e produção em larga escala. Por outro lado, é certo que as empresas ainda gatinham em tornar o negócio digital rentável e reduzem seus quadros a fim de compensar as perdas de receita com publicidade. As transformações e desafios aos jornalistas são contínuos e merecem ser acompanhados com acuidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa: 1970-2000*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BASTOS, Helder. *Ciberjornalistas em Portugal: Práticas, papéis e ética*. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexandre Patez; SILVA, Gerardo (orgs.). *Capitalismo cognitivo: Trabalho, redes e inovação*. Rio de Janeiro: D,P&A, 2003.

DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum sobre As sociedades de controle”. In: *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DEMO, Pedro. *Pesquisa e informação qualitativa: Aportes metodológicos*. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Papirus Educação).

DEUZE, Mark. “Understanding Journalism as Newswork: How it changes, and how it remains the same”. In: *Westminster Papers in Communication and Culture*. Vol. 5, n. 2, 2008, p. 4-23.

\_\_\_\_\_. “What is a multimedia journalism? In: *Journalism studies*. Routledge: v. 5, n. 2, 2004, p. 139-152.

FIGARO, Roseli. “Perfis e discursos de jornalistas no mundo do trabalho” In: FIGARO, Roseli (org.). *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista*. São Paulo: Salta, 2013.

FONSECA, Virgínia; KUHN, Wesley Lopes. “Jornalista Contemporâneo: Apontamentos para discutir a identidade profissional”. In: *Intexto*. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 21, p. 57-69, jul/dez. 2009. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/11053>. Acesso em 25 jul. 2014.

HELOANI, José Roberto. *Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista*. São Paulo: FGV, 2005. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/3098>. Acesso em 25 set. 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. “Convergência das redações: Mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalismo”. In: RODRIGUES, Carla. *Jornalismo on-line: Modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Porto Alegre: Sulina, 2009.

McKERCHER, Catherine. *Newsworkers Unite: Labor, Convergence and North American Newsmakers*. Lanham (EUA): Rowman & Littlefield, 2002.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. “O ‘novo ritmo da redação’ de O Globo: A prioridade ao jornalismo digital e seus reflexos nas condições de trabalho e produção da notícia”. Em: *Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM*. São Paulo: FIAM-FAAM, n. 2, vol. 2, agosto/dezembro de 2014. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/234/280>. Acesso em 22 out. 2014.

NEVEU, Erick. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Loyola, 2006.

NONATO, Cláudia. “O perfil diferenciado dos jornalistas associados ao Sindicato de São Paulo”. In: FIGARO, Roseli (org.). *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista*. São Paulo: Salta, 2013.

PEREIRA, Fábio Henrique. “O ‘Jornalista Sentado’ e a Produção da notícia on-line no Correio Web”. Em: *Em Questão*. Porto Alegre: UFRGS, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan/jun. 2004. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/85>. Acesso em 28 jun. 2014.

PEUCER, Tobias. “Os relatos jornalísticos”. In: *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis: UFSC, v. 1, n. 2, p.13-30, 2º semestre de 2004.

SALAVERRÍA, Ramon (org.). *Cibermedios: El impacto de internet en los medios de comunicación en España*. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2005.

\_\_\_\_\_; NEGREDO, Samuel. *Periodismo integrado: Convergencia de medios y reorganización de redacciones*. Barcelona: Editorial Sol90 Media, 2008.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: Notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2012. 2.ed.